



## Quando a palavra e o desenho (se) combinam: sobre a escrita de Leonel Neves e a ilustração de Tóssan

Sara Reis da Silva<sup>1</sup>

sara\_silva@ie.uminho.pt

[Narrativas e Teoria / Narratives and Theory]

### Abstract

This study focuses on the literary writing that Leonel Neves (1921-1996) especially dedicated to children, in particular, his books of poetry and short stories that were published with “drawings” by Tóssan (1918-1991). It is this set of works, totaling twelve, that we will analyze, aiming at elucidating, besides the most relevant literary singularities, the main aesthetic recurrences of visual and graphic composition, as well as some of the characteristics that distinguish the intersemiotic synergy celebrated between words and images.

Conquanto sobejamente conhecidos pelos mediadores de leitura mais atentos – educadores, professores, bibliotecários, entre outros –, os nomes de Leonel Neves (1921-1996) e de Tóssan (1918-1991) (pseudónimo de António Fernando dos Santos) e as suas respectivas obras, em concreto, em conjugação, não foram ainda alvo (tanto quanto conseguimos apurar) de um estudo mais aprofundado no qual se deixem registadas as suas principais isotopias verbo-icónicas ou as suas singularidades.

Com efeito, a maioria da produção literária que Leonel Neves dedicou à infância, iniciada muito posteriormente à edição vocacionada para o leitor adulto – note-se que o seu primeiro livro, *Janela Aberta*, veio a lume em 1940 e a sua primeira obra para os mais novos, intitulada *Sete Contos de Espantar* (Atlântida, 1975), foi editada apenas após o 25 de Abril de 1974 –, é ilustrada por Tóssan, amigo de infância do autor (Neves, 1985: 140). A aliança da escrita de um à ilustração de outro no sentido da concretização de obras dedicadas aos leitores mais novos observa-se num elevado número de publicações – em concreto, mais de uma dezena –, praticamente todas editadas nas décadas de 70 e de 80 do século XX. Desses volumes, analisaremos quase a sua totalidade, ou seja, doze, deixando de parte um décimo terceiro, a obra *Extraterrestre em Lisboa* (Pedra Formosa, 1993), por ter sido impossível a sua leitura e/ou consulta, dado o reduzidíssimo número de exemplares presentes em biblioteca ou em coleções particulares.

Natércia Rocha integra **Leonel Neves** numa “nova geração de escritores que se impõe desde os primeiros anos deste período” [20], em concreto e designadamente após o 25 de Abril de 1974. A este autor

dedica esta investigadora três esclarecedores parágrafos da sua *Breve História da Literatura para Crianças em Portugal*, destacando da obra do autor aspectos como “a fantasia agarotada, nascidas tanto do aco-tovelar das pessoas como do encontro com a natureza.” [20], o humor, a crítica, a alegria, a “doce malícia” [20], o amor e a compreensão, a observação e a ironia [20]. Conclui afirmando que, nas suas obras, Leonel Neves “quer abrir o mundo das crianças à alegria, à tolerância e à fraternidade.” [20]. Também José António Gomes situa Leonel Neves “entre os autores que contribuíram de forma decisiva para a renovação da poesia para a infância no período 1950-1980” [19]. Sublinha, igualmente, que este «veio dar continuidade à tradição dos bestiários poéticos, entre cujos cultivadores mais recentes se haviam salientado Afonso Lopes Vieira, Sidónio Muralha e Alice Gomes.” [18].

Com efeito, a escrita para a infância de Leonel Neves, repartindo-se pela poesia e pela narrativa breve (conto, novela e um «romancinho» que intitulou *Um Cavalo da Cor do Arco-Íris*) é, pois, uma das mais marcantes do período imediatamente posterior ao *terminus* da ditadura salazarista. Inaugurada apenas em 1975, a sua produção literária para crianças é cuidada, bem disposta, perspicaz e reveladora de uma interessante capacidade de observação do mundo deste autor “que primou pela discricção” [22].

As suas **narrativas**, disseminadas em oito volumes, ora são compostas por textos breves ou contos, ora por outros um pouco mais extensos, que, muitas vezes, revelam marcas da narrativa de mistério ou detectivesca, muito ao “sabor policial” [22]. Foi precisamente com o texto narrativo, mais especificamente com *Sete Contos de Espantar* (Atlântida, 1975) que inaugurou a sua obra dedicada aos leitores mais jovens. Nos textos desta colectânea, a maioria das acções desenvolve-se em torno de figuras pautadas pela diferença, pelo bizarro, pelo equívoco por um apelativo *nonsense*. Senhores misteriosos, de chapéu alto e malinhas minúsculas, bruxos de barbas brancas que, afinal, são apenas cientistas, ou motoristas invisíveis, são algumas das figuras que compõem uma original galeria que, nos volumes posteriormente editados, se alarga substancialmente. Não deixa de ser curioso o facto de a personagem detective João Careca, figura carismática, já participar num dos contos desta colectânea inaugural, em concreto em “A pulseira roubada”, sendo, depois, retomada, em 1984, no volume *João Careca. Mestre Detective* (Livros Horizonte, 1984). Carismático é, igualmente, Zé Palão, “pescador de bacalhau nos mares da Terra Nova e grande contador de histórias...” [3] e protagonista das cinco histórias que integram o volume precisamente intitulado *Histórias do Zé Palão* (Livros Horizonte, 1977). Sobre ele não se inibe o narrador de dizer que é “um homem bom, trabalhador e alegre... e é por isso que sou amigo dele” [3], mas que “é mentiroso, muito mentiroso, a pessoa mais mentirosa que eu já conheci.” [3]. E é desse traço que decorre o cómico de carácter e de situação que distingue esta compilação, aspecto que é revitalizado em outras narrativas do autor. Em *O Polícia Bailarino e outros contos* (Livros Horizonte, 1979), o humor é, igualmente, nota dominante, pas-

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Departamento de Artes & Design, Rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea - Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

### Keywords

Leonel Neves, Tóssan, children's literature and illustration after 25th April 1974.

sando inclusivamente pela presença da figura idiota<sup>2</sup> (chamemos-lhe assim) que o título anuncia. É, pois, uma salutar “traquinice” [20] que pontua este e outros textos. Ligeiramente distinto é o «romancinho» *Um Cavalo da cor do arco-íris* (Livros Horizonte, 1980), narrativa mais extensa, composta por dez capítulos, seguidos de uma nota final. Neste caso, pressente-se, acima de tudo, um elogio da Natureza, da Terra e do Homem, bem como do sonho e da esperança num futuro melhor. Esta mensagem humanista, emoldurada pela bondade, a compreensão e uma certa ingenuidade, pode também ser lida nesse texto paródico que é *O Soldadinho e a Pomba* (Livros Horizonte, 1981), conto que não deixa de se diferenciar simultaneamente pela alusão aos afectos familiares e pela temática pacifista, tratada com particular subtilidade. A esta narrativa seguiu-se a edição de outros dois volumes: *João Careca, Mestre Detective* (1984) e *O Mistério do Quarto Bem Fechado* (1985). Prendendo a atenção do leitor pelos diálogos vivos e pela expressividade das descrições dos espaços e das próprias figuras que participam na acção, estes textos alicerçam-se em segredos e mistérios e na surpreendente (e também, muitas vezes, divertida) capacidade de resolução que o seu protagonista demonstra. Denominador comum a vários textos de Leonel Neves é, efectivamente, “uma boa dose de ironia acessível aos jovens leitores” [22], uma linha manifestamente original à data da edição das suas obras. Em suma, genericamente, o discurso das narrativas da autoria de Leonel Neves demarca-se pelo poder da descrição, por exemplo, das personagens, cujos traços são pormenorizadamente referidos, a partir de uma adjectivação assídua e expressiva, responsável, não raras vezes, pelo efeito cómico, decorrente da própria caricaturização, eficazmente recriada por via visual, como mais adiante teremos oportunidade de dilucidar.

Também no caso da **poesia**, contida nos volumes *Bichos de Trazer por Casa* (Comuna, 1978), compilação que integra dezasseis composições poéticas, *O Livrinho dos Macacos* (Livros Horizonte, 1978), composto por dez poemas e um conto, *O Menino e as Estrelas* (Livros Horizonte, 1979), que engloba dez poemas, e *Uma Dúzia de Adivinhas* (Livros Horizonte, 1981) que, como o título anuncia, guarda doze textos poéticos, observam-se a presença sugestiva de segmentos dialógicos muito vivos, bem como de apelativos efeitos cómicos, além da forte presença animal e da assiduidade de temáticas como a infância, o elogio da diferença, os afectos (por exemplo, entre as pessoas e os animais), “a delicadeza de um olhar amoroso” [22] e uma subtil crítica social, como se pressente no poema “Natal de Pobres”, incluído em *O Menino e as Estrelas*.

Do ponto de vista formal, são comuns as composições poéticas relativamente breves, por vezes, até, a unidade estrófica, como sucede, por exemplo, num elevado número de poemas da obra *Uma Dúzia de Adivinhas*. Em contrapartida, os poemas que reflectem um certo pendor narrativo, como se observa em “Pombo-Correio” e “Hipopótamo”, am-

<sup>2</sup> Sobre este assunto, vide Silva, 2015.

bos contidos em *Bichos de Trazer por Casa*, possuem uma maior extensão. Recorrente é, ainda, o recurso a estratégias técnico-expressivas como o discurso directo, em particular em frases interrogativas, a apóstrofe (como em “Senhor Peru”) ou “Coruja”, presente em *Bichos de Trazer por Casa* e a repetição (em certos casos, recorrendo, por exemplo, a segmentos que funcionam como refrão). Veja-se, a este título e exemplificando estratégias como a aliteração, o poema intitulado “Rato”, incluído em *Bichos de Trazer por Casa*, texto no qual não deixam de ecoar certas influências do trava-línguas:

«Raivoso, o rato com fome  
ratou a rica terrina,  
à terrina rara e fina,  
rijos retratos de queijo.

Rota, a terrina que eu vejo  
a rir do rato, contou-me:  
“Quem rata e ri? Pense e diga.  
O raio do rato ratou-me,  
ratei ao rato a barriga...” [4]

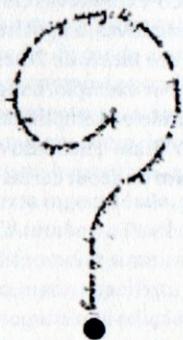
A tendência para o jogo substantiva-se não apenas nas palavras – por exemplo, pelo recurso à antonímia, como em “Peixinho Vermelho”, incluído em *Bichos de Trazer por Casa* – e nos sons, por exemplo, através da aliteração – como em “Rato”, presente em *Bichos de Trazer por Casa* –, mas também em certas formas que adopta, como o acróstico, por exemplo, nos poemas ambos intitulados “Adivinha”, incluídos em *Bichos de Trazer por Casa* e no pórtico de *O Livrinho dos Macacos*:

“C om quatro patinhas, o rabo curtinho,  
O relhas compridas, peludo – é verdade –  
E sempre a mexer o nariz quando come,  
L ouco por cenouras e alfaces, louquinho,  
H á tanto no campo como na cidade.  
O nome não digo. Qual é o seu nome?” [1].

“Mama, em pequenino; e também pede colo.  
Animal que chora e que ri como um tolo,  
Com a mão se coça, como com a mão,  
Anda muitas vezes de pé, com dois pés,  
Como um homem quase – e não é homem, não.  
O nome do bicho... digam vocês!” [5].

No mesmo sentido deverá ser entendida a presença da escrita concreta, visual ou experimental, por exemplo, logo na abertura de *Uma Dúzia de Adivinhas*:

Fig. 1. Ilustração de  
*Uma Dúzia*  
de Adivinhas [9]



O próprio apreço que o poeta revela por formas poéticas com as quais se pretende que se descubra algo, como sucede no caso deste último volume referido, ou seja, as ressonâncias que de formas poético-líricas da tradição oral, como a adivinha, a sua poesia parece ter, redundante, igualmente, nessa especial propensão para a ludicidade.

As obras de Leonel Neves nas quais aqui colocámos especial ênfase têm também a assinatura do artista plástico **Tóssan**. Importa assinalar que o legado de Tóssan não se cinge à sua actividade ilustrativa. Com efeito, este autodidac-

ta, um artista isolado, sem escola, detentor de um espírito irreverente, além de ter publicado dois livros de desenhos em nome próprio, intitulados *Cãopêndio* (1959/2015) e *Fidelidade1835*, foi também caricaturista, cenógrafo e caracterizador no TEUC, gráfico, retratista, decorador e vitralista. Foi, ainda, pintor, tendo realizado muitas exposições em diversas galerias e na Sociedade Nacional de Belas Artes. Em 1963, fundou, juntamente com Augusto da Costa Dias (1919-1976) e Mário Castrim (1920-2002), o *Diário de Lisboa Juvenil*. Fez cartazes e capas de discos, entre outros. Todavia, aquilo que da sua obra talvez tenha ficado mais marcado na memória de uma geração tenha sido o seu trabalho criativo como ilustrador de obras para a infância e a juventude, não apenas de Leonel Neves, mas também de outros relevantes autores, como Sidónio Muralha (1920-1982) ou Maria Rosa Colaço (1935-2004), entre outros.

Manuela Bronze, por exemplo, na sua sintética apresentação diacrónica sobre a ilustração portuguesa para a infância, situa Tóssan no terceiro período, correspondente aos anos imediatamente após o 25 de Abril de 1974, designando-o “As cores da Liberdade”. Considera que, nesta fase, “la mancha gráfica comienza a definirse en la página, articulando texto e imagen como un todo coherente, mucho más afirmativo visualmente y reflejando la creatividad y el estilo del designer-ilustrador” [16]. Com efeito, fixando a nossa atenção nos volumes que nos propusémos analisar, constata-se que as ilustrações ou os desenhos, como surge registado na capa ou na folha de rosto dos volumes que compõem o *corpus* deste estudo, que Tóssan partilha com os livros de Leonel Neves possuem um espaço e um impacto visual evidentes, articulando-se eficaz e elegantemente com cada um dos textos, sejam eles poéticos ou narrativos (neste caso, para crianças ou para jovens). Nota-se um especial talento e sentido estético, aliás, já apontados por outros investigadores. Alice Gomes, por exemplo, regista “Outro ilustrador que é preciso pôr em relevo (e eu o fiz) é Tóssan, recentemente reaparecido nos livros de Leonel Neves” [17]. Natércia Rocha, por seu turno, coloca Tóssan a par de Maria Keil, Armando Alves e João Machado, por exemplo, afirmando que “a ilustração continua a trazer assinaturas de mérito.” [20]. Simi-

larmente, José António Gomes assinala que, “entre os anos cinquenta e setenta, se assiste à revelação ou à confirmação do talento de vários ilustradores”, realçando, junto ao nome de Tóssan, os de Maria Keil, Câmara Leme, César Abbott, José de Lemos, Jorge Pinheiro, Armando Alves, Fernando Bento e Leonor Praça.



Nos livros de Leonel Neves que Tóssan ilustrou e cujos arranjo e/ou estrutura gráfico/a e capas, muitas vezes, também concretizou (como foi o caso de *Bichos de Trazer por Casa*), sobressai, em cada uma das capas, a singular assinatura deste artista, uma identificação que evidencia a particularidade de ser escrita em letra caligráfica, minúscula e com um acento agudo no “o” colocado na vertical. Constrói-se, assim, com subtileza, também e desde logo, um pormenor visualista que passa a representar uma marca, um registo individualizante (Fig. 2).

Genericamente, os desenhos de Tóssan diferenciam-se pela finura e a elegância do traço a preto, como testemunham os pequenos quadros visuais que individualizam cada um dos animais poetizados em *Bichos de Trazer por Casa* ou que ilustram os textos de *O Menino e as Estrelas*. Exemplos deste estilo são, igualmente, as ilustrações patentes em *Sete Contos de Espan-tar* – uma por conto, quase todas colocadas no final de cada um dos sete textos (Fig. 3)– e em *Um Cavalo da Cor do Arco-Íris* (Fig. 4).

Os seus desenhos tendencialmente sintéticos, sem excessos, ora apenas de linha, como mencionámos, ora com mancha parcial ou totalmente colorida (de cor plana) ou não, reflectem, ainda, uma tendência para uma certa geometrização das formas, opção estética que serve na perfeição o gosto pela representação em traços caricaturais de figuras humanas e animais, por vezes, estilizados. Em muitos casos, a ilustração ostenta, de facto, uma configuração pautada pela originalidade, decorrente, em larga medida, da hiperbolicização ou da miniturização de aspectos, por exemplo, do retrato físico das personagens, não raras vezes, distinguindo-se pela forte componente humorística. Veja-se, por exemplo, o seguinte segmento visual (Fig. 5).

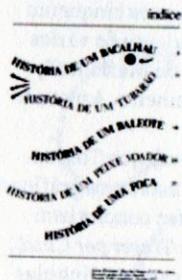
O jogo de perspectivas e de dimensões é, na realidade, uma das marcas da ilustração de Tóssan.

Fig. 2. Capa de *Uma Dúzia de Adivinhas* [9]

Fig. 3. Ilustração de *Sete Contos de Espan-tar* [1]

Fig. 4. Ilustração de *Um Cavalo da Cor do Arco-Íris* [8]

Fig. 5. Ilustração de *O Mistério do Quarto Bem Fechado* [12]

Fig. 6. Índice de *Histórias do Zé Palão* [3]

Acresce, ainda, a referência a outras estratégias visuais manifestamente expressivas que, com frequência, resultam numa original composição pictórica e gráfica. É o caso, por exemplo, do recurso a uma disposição desformalizada e muito visual ou concreta dos caracteres ou da tipografia como se verifica, por exemplo, no índice da obra *Histórias do Zé Palão* (Fig. 6).

Outro aspecto que consideramos merecer alusão reside na inclusão de uma ilustração a ocupar a totalidade de uma página, situada logo após a capa e mesmo antes da ficha técnica e da folha de rosto da obra, como sucede em *Um Cavalo da Cor do Arco-Íris* e *Histórias do Zé Palão* (Fig. 7).

Em síntese, como procurámos dilucidar, a ilustração de Tóssan, muito reconhecida, afigura-se, a vários títulos, pessoalíssima, combinando ou conjugando-se expressivamente com a escrita para a infância de Leonel Neves.

Fig. 7. Ilustração de abertura de *Histórias do Zé Palão* [3]

**Concluimos este estudo**, retomando algumas das ideias-chave que procurámos deixar registadas acerca da escrita para a infância de Leonel Neves que conta com as ilustrações e, em certos casos, com parte do grafismo/design da autoria de Tóssan. Vindos a lume no período do pós 25 de Abril de 1974, as obras aqui valorizadas reflectem uma libertação estética a vários títulos. Relembre-se que, em 1950, foram promulgadas pormenorizadas *Instruções para Literatura Infantil* pela Direcção dos Serviços de Censura. E talvez não seja coincidência o facto de a quase totalidade das obras de Leonel Neves e de Tóssan terem sido editadas na colecção «Pássaro Livre» da editora Livros Horizonte. Temáticas como os afectos, a multiculturalidade, o direito à diferença, a paz ou a própria liberdade, por outras palavras, “facetas inusitadas de um mundo-outro que partilha, ainda assim, muito da vida dos homens” [15], consubstanciam-se diversamente nos textos de Leonel Neves analisados e ganham uma configuração especial por via da composição visual de Tóssan.

Com efeito, os textos de Leonel Neves distinguem-se por um discurso literário também ele muito próprio, sem “preconceitos” ou censuras lexicais, por exemplo, ou que não se inibe de usar vocábulos pertencentes a registos de língua como a gíria e o calão, outrora arredados da escrita especialmente vocacionada para o pequeno leitor, e que, do ponto de vista das estratégias técnico-expressivas, opta pelo recurso a processos aliterativos, a trocadilhos, à ironia e ao humor, por exemplo, como mencionámos. Paralelamente, a ilustração de Tóssan, respondendo muito positivamente a esta construção literária, focaliza os principais aspectos dos textos, designadamente traços de certas personagens, e dota cada um dos volumes de uma pluralidade de outras leituras, de leituras perspectivadas a partir da própria ilustração, de uma composição que testemunha o sentido estético

do ilustrador em pauta, o seu sentido de humor e até a capacidade que possui de “pisar o olho” ao leitor mais avisado, por exemplo, com a recriação de figuras humanas nas quais é possível perceber aspectos semelhantes a personalidades reais e marcantes<sup>3</sup> do período do pós 25 de Abril de 1974.

Por tudo aquilo que foi dito e que procurámos aqui equacionar, sendo incompreensível a falta de recepção crítica de que têm padecido, até à data, as obras analisadas, parece-nos absolutamente inegável os relevantes lugares que Leonel Neves e que Tóssan ocupam na História da Literatura e da Ilustração Portuguesa para a Infância.

## Referências Bibliografia activa

1. Neves, Leonel (1975). Sete Contos de Espantar. Atlântida Editora, Coimbra (ilustrações de Tóssan).
2. Neves, Leonel (1976). O Elefante e a Pulga. Livros Horizonte, Lisboa (ilustrações de Tóssan).
3. Neves, Leonel (1977). Histórias do Zé Palão. Livros Horizonte, Lisboa (ilustrações de Tóssan).
4. Neves, Leonel (1978a). Bichos de Trazer por Casa. Editorial Comuna, Lisboa (ilustrações de Tóssan).
5. Neves, Leonel (1978b). O Livrinho dos Macacos. Livros Horizonte, Lisboa (ilustrações de Tóssan).
6. Neves, Leonel (1979a). O Polícia Bailarino e outros contos. Livros Horizonte, Lisboa (ilustrações de Tóssan).
7. Neves, Leonel (1979b). O Menino e as Estrelas. Livros Horizonte, Lisboa (ilustrações de Tóssan).
8. Neves, Leonel (1980). Um Cavalo da Cor do Arco-íris. Livros Horizonte, Lisboa (ilustrações de Tóssan).
9. Neves, Leonel: Uma Dúzia de Adivinhas. Livros Horizonte, Lisboa (1981) (ilustrações Tóssan).
10. Neves, Leonel: O Soldadinho e a Pomba. Livros Horizonte, Lisboa (1981) (ilustrações de Tóssan).
11. Neves, Leonel: João Careca Mestre Detective. Livros Horizonte, Lisboa (1984) (ilustrações Tóssan).
12. Neves, Leonel: O Mistério do Quarto Bem Fechado. Livros Horizonte, Lisboa (1985a) (ilustrações de Tóssan).
13. Neves, Leonel: “Leonel Neves” In: Soares, Luísa Ducla (coord.). A Antologia Diferente. De que são feitos os sonhos (ilustrações de Vitor Simões). Areal Editores, Porto pp. 139-147 (1985b)
14. Tóssan. Cãopêndio. Bruúá, Figueira da Foz (2015) (1ª ed. - 1959, Portugália Editora).

## Bibliografia passiva

15. Bastos, Glória: Literatura Infantil e Juvenil. Universidade Aberta, Lisboa (1999).
16. Bronze, Manuela: “100 años de libros ilustrados en portugués para niños. Una contribución para un estudio profundo y extenso sobre la ilustración y sus autores en Portugal” In: MARTOS NUÑEZ, Eloy et. al. (coord.) (1998). Actas del II Congreso de Literatura Infantil y Juvenil: Historia Crítica de la Literatura Infantil e Ilustración Ibéricas. Editora Regional de Extremadura, Cáceres, pp. 35-39 (1998).
17. Gomes, Alice: «As Figurinhas» In: A Literatura para a Infância. Torres e Abreu

<sup>3</sup> Por exemplo, o Coronel e o Capitão representados, lado a lado, em *O Soldadinho e a Pomba*, parecem ter similitudes com Ramalho Eanes e com Vasco Lourenço, por exemplo.

Editores, Lisboa, pp. 26-35 (1979).

18. Gomes, José António: A Poesia na Literatura para a Infância. Edições Asa, Porto (1993).
19. Gomes, José António. Para uma História da Literatura Portuguesa para a Infância e a Juventude. MC/IPLB, Lisboa (1997).
20. Rocha, Natércia. Breve História da Literatura para Crianças em Portugal. Nova edição actualizada até ao ano 2000. Caminho, Lisboa (2001)
21. Silva, Sara Reis (2015). "O idiota e a representação do (im)poder na literatura para a infância" In: Álvares, Cristina, Curado, Ana Lúcia e Sousa, Sérgio Guimarães (org.). Figuras do Idiota. Literatura, Cinema, Banda Desenhada. Universidade do Minho-Centro de Estudos Humanísticos, Braga pp. 243-252 (2015).
22. Veloso, Rui (s./d.): Obras de Leonel Neves – disponível online em [http://magnetesrvk.no-ip.org/casadaleitura/portalpha/biblioteca/documentos/biblio\\_leonelneves\\_b.pdf](http://magnetesrvk.no-ip.org/casadaleitura/portalpha/biblioteca/documentos/biblio_leonelneves_b.pdf) (consultado no dia 21 de Março de 2017).